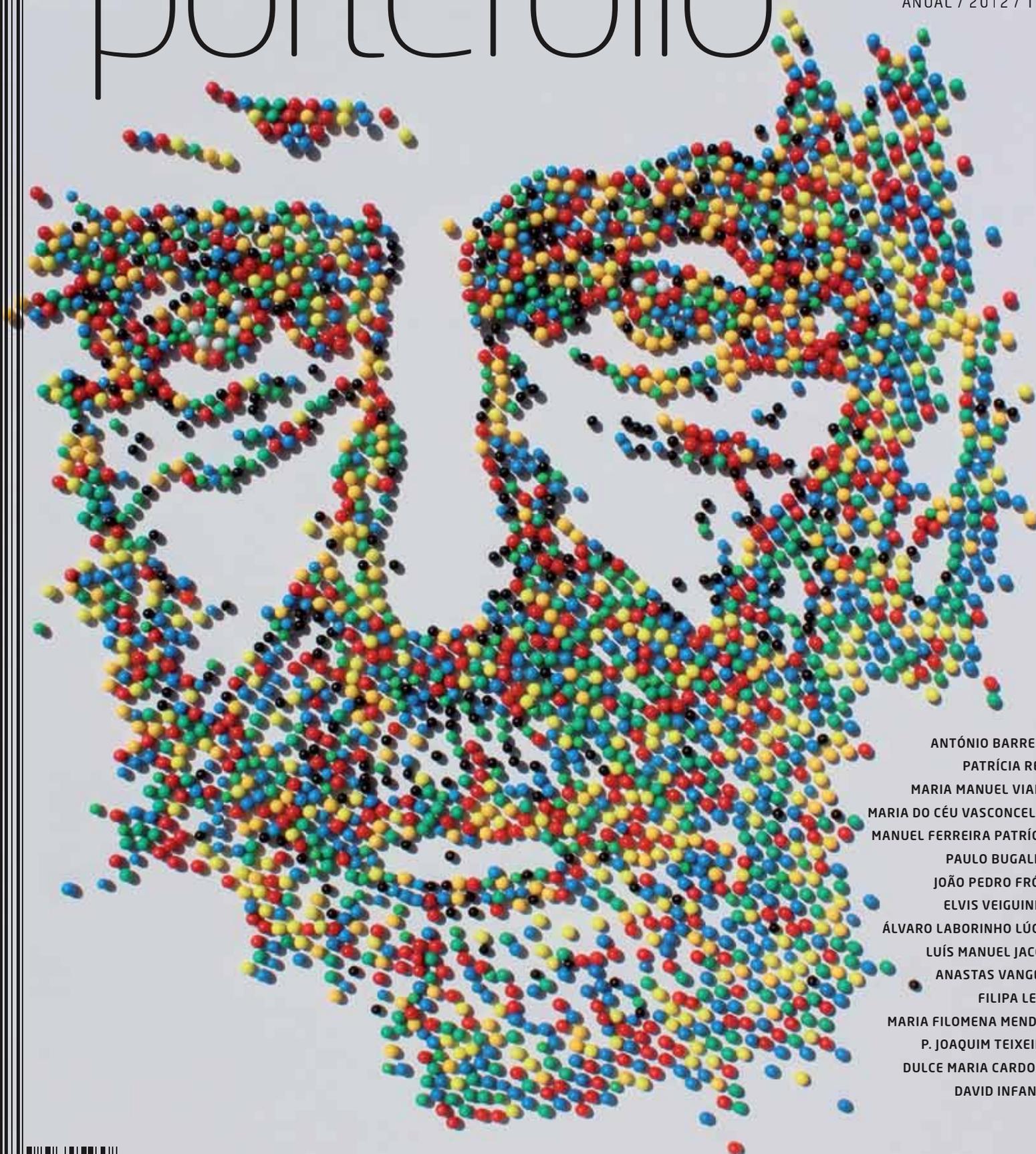
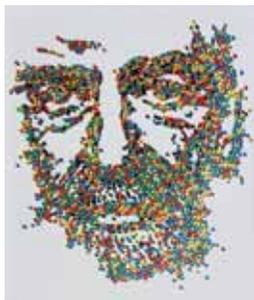


portefólio



ANTÓNIO BARRETO
PATRÍCIA REIS
MARIA MANUEL VIANA
MARIA DO CÉU VASCONCELOS
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
PAULO BUGALHO
JOÃO PEDRO FRÓIS
ELVIS VEIGUINHA
ÁLVARO LABORINHO LÚCIO
LUÍS MANUEL JACOB
ANASTAS VANGELI
FILIPA LEAL
MARIA FILOMENA MENDES
P. JOAQUIM TEIXEIRA
DULCE MARIA CARDOSO
DAVID INFANTE

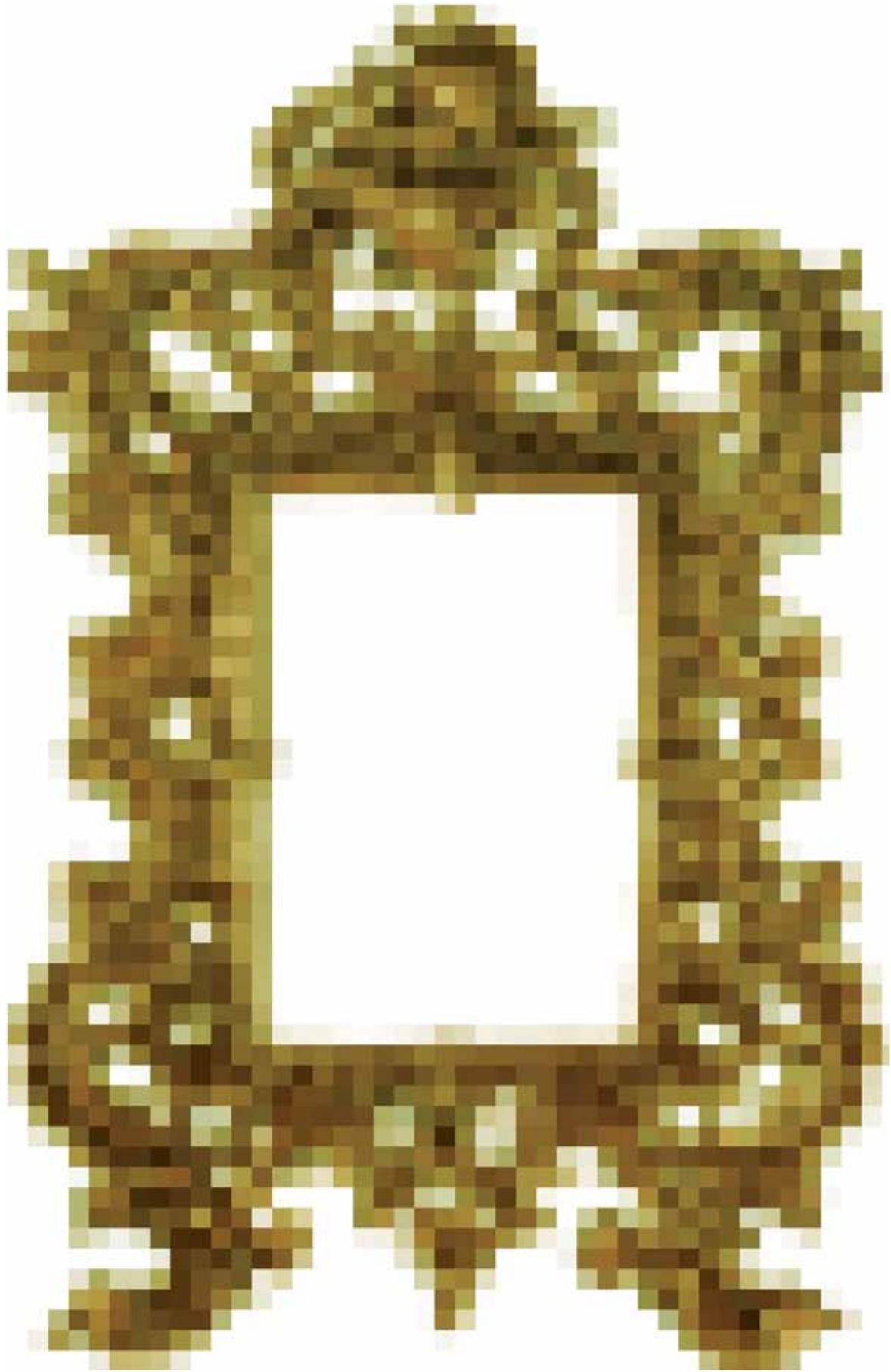




ÍNDICE

05	Editorial
06	António Barreto # Patrícia Reis
13	Portefólio # América'78: Kodachromes de António Barreto
34	A Educação do Futuro # Maria Manuel Viana
38	Mudança # Maria do Céu Vasconcelos
41	Intróito Reflexivo sobre o <i>Telos</i> da Educação # Manuel Ferreira Patrício
60	Medo da História # Paulo Bugalho
62	Educação Estética # João Pedro Fróis
66	Educação para... O mundo Digital # Elvis Veiguinha
68	Educação e Cidadania # Álvaro Laborinho Lúcio
78	Aprendizagem ao longo da Vida # Luis Manuel Jacob
82	Histórias com Memórias # Patrícia Reis
86	Repensar "os nossos valores" na era do envelhecimento # Anastas Vangeli
91	A Casa # Filipa Leal
93	Macro Impactos do Envelhecimento Demográfico # Maria Filomena Mendes
96	Experiência Criadora de Linguagem # P. Joaquim Teixeira, ocd
100	Domingo # Dulce Maria Cardoso
104	Nocturnos para Varsóvia # Filipa Leal
106	Fazer cidade # Fundação Eugénio de Almeida

Cultura



**COMO NO DIA QUE TE VIU NASCER,
ERGUEU-SE O SOL, SAUDARAM-NO OS PLANETAS,
ASSIM CRESCESTE, ATÉ HOMEM SER,
SEGUNDO AS LEIS DESSA HORA, SECRETAS.
A TI NÃO FUGIRÁS, TERÁS DE SER
ASSIM, JÁ DIZIAM SIBILAS, PROFETAS;
TEMPO E PODER NÃO IRÃO DESTRUIR
FORMA PLASMADA QUE, VIVA, QUER CRESCER.
GOETHE**

EDUCAÇÃO ESTÉTICA

João Pedro Fróis

Docente da Universidade de Lisboa

No início dos anos quarenta do século XX, Sir Herbert Edward Read (1893-1968), historiador da arte, poeta, anarquista convicto, deu a conhecer o seu interesse pela educação num livro, intitulado *Education through Art*, no qual propôs recuperar a dimensão estética para a educação.

Nas décadas seguintes o seu texto serviu de *manifesto* para reformas educacionais em vários lugares. O valor desse interesse consistia na convicção de que a industrialização e transformações sociais imediatas tinham provocado a alienação dos indivíduos. A recuperação da dimensão estética para a educação surgia também em reacção ao triunfo da racionalidade técnica, justificando, por si só, o surgimento de um modelo de educação aberto ao desenvolvimento da espontaneidade e à livre expressão criativa dos indivíduos. «*A arte*», segundo ele, «*deveria ser a base da educação*», considerando a experiência proporcionada pela criação e a fruição artísticas como possibilidade, meio para a acção na educação e desenvolvimento da singularidade dos indivíduos. Quase sete décadas após a publicação do livro de Herbert Read, sentimos um desconforto abrangente, um desequilíbrio e uma dúvida perseverante que nos impulsiona a pensar novamente no valor das artes para a educação.

A utopia, transcrita do crítico de arte inglês, compreendida na sua complexidade por poucos, incidiu sobre a importância das artes na conformação da experiência sensorial. A educação, no seu entendimento, estaria além da capacitação formal dos indivíduos, afastada do mero exercício de tarefas socialmente valorizadas.

A educação não serviria apenas a exigência de alfabetização dos indivíduos numa ou outra literacia, pelo contrário, poderia ser um meio privilegiado da abertura à experiência. A partir daqui, seria contrariada a subjugação dos âmbitos da educação às regras avassaladoras da economia e das políticas de qualquer Estado.

A educação estética, pela sua natureza, não reduzida à aquisição de conhecimentos ou de informações, cobriria as possíveis relações entre as artes e a educação, designação globalizante e sinal integrador da experiência e da interacção dos mundos interior e exterior do indivíduo. A criatividade e a expressão artísticas seriam um factor importante para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Este entendimento sobre a auto-realização dos indivíduos não era exequível apenas através do uso e a transmissão de conhecimentos disciplinares, saberes garantidos, frequentemente pensados como exclusivos de áreas afirmadas do conhecimento. A crença de que estes saberes afirmados se constituíam como elementos primordiais, para a mente dos que aprendem e a crença de que escola contribuía para que isso ocorresse, tem vindo a ser reificada. O contacto com as artes, quando vivido e compreendido, respeitará sempre a um processo íntimo do desenvolvimento da personalidade dos indivíduos.

Ao propor a arte como núcleo central da educação, Herbert Read, genuinamente, pretendia minimizar os efeitos da desumanização causada pelos homens. Evocou, com os necessários detalhes de diferença entre autores, a visão idealista formulada, em 1795, pelo

poeta Friedrich Schiller (1759-1805). Sabe-se que, na altura, Shiller reagia ao modo de irracionalidade impregnada no *Reino do Terror* com um projecto de educação e cultura estética do ser humano, que em si incluía as mesmas dimensões de leitura propostas pelo crítico de arte inglês – a dimensão estética, pedagógica, antropológica e política, todas elas com potencial intrínseco para o reforço e a estabilidade social e política. Nas *Cartas sobre a educação do ser humano*, Schiller sublinhava que as imperfeições no modo de viver do ser humano tinham origem na forma como geríamos os dualismos de qualquer tipo, aplicados na interpretação do comportamento humano. Opunha-se, assim, à fissura causada que punha em antagonismo a sensibilidade, a imaginação, a criatividade ao pensamento abstracto, entendendo-as como momentos profundamente interligados entre si.

Como Friedrich Schiller, Herbert Read e outros, que a eles se seguiram, opuseram-se ao vazio espiritual, à erosão e degradação progressiva da sensibilidade, e também ao afastamento e estima pelos valores humanos, porque esse vazio punha em causa a própria existência humana. É importante vencer a desumanidade e indiferença, a que se assiste diariamente em vários locais, que resulta na perda de sensibilidade, no abrutecimento, consequência de súbita alteração dos valores que orientam a nossa existência. As artes e o que elas representam na criação do novo e da abertura, da conjugação do conhecido e suas novas aparências das coisas e do pensamento humano, não podem apenas apresentar-se como elixir para momentos difíceis ou tornarem-se na expressão de mero jogo de emoções. Sob tudo isso estão os mesmos problemas, as

mesmas angústias decorrentes da existência e a mesma urgência de singularidade do ser humano na procura da harmonização do pensar e do sentir que atravessa várias paisagens.

As artes, no seu sentido primordial, devem continuar a fazer parte da nossa educação. No período de crise vivido é indispensável repensar o modo de reorganizar o sistema de ensino e de potenciar a sua articulação com a educação cultural e artística também noutros lugares, além da escola, aproveitando sempre a possibilidade da presença das artes na escola pública – lugar de exceção letrada, circunstância única para a maioria das crianças.

O debate sobre as artes na educação será sempre um debate que fará luz sobre os valores, que notará e diluirá os diferentes pontos de vista, sem os anular, e a partir dos quais nos olharemos e olharemos o que nos rodeia. Os valores veiculados pelas artes ligam os mundos em que vivemos, e vivem na percepção humana que junta a inteligência, a imaginação e o sentir mais profundo.

SHILLER, Friedrich, *On the Aesthetic Education of Man in a Series of Letters*, Oxford University Press, 1967.

READ, Herbert, *Education through Art*, Faber and Faber, Londres, 1943.

BARRENTO, João (trad.), *Obras Escolhidas, Goethe*, Círculo de Leitores, Poesia, Lisboa, 1993.

SMITH, Ralph, *The Sense of Art: A Study in Aesthetic Education*, Routledge, Nova Iorque, 1989.